

O POETA

Como Carlos Drummond de Andrade está em férias no "Correio da Manhã", e sabendo que havia coisas estranhas em sua rua, para lá nos dirigimos a pé, na manhã de terça-feira.

Na verdade, a agitação era grande na rua Joaquim Nabuco; era grande, mas relativamente pacífica, pois terça é dia de feira ali. Avançamos entre mangas, tomates e abacaxis até a casa do poeta, que encontramos de busto nu, a responder cartões de boas-festas, e se queixando ardentemente do calor. (Lembramos que terça-feira, 28, o sudoeste refrigerante e quiçá chuventó só chegou ao pôsto 6 entre 12,30 e 12,35 horas, conforme pudemos observar pessoalmente na praia do Arpoador).

Estava naturalmente fatigado, pois acordara antes das 3 da madrugada, como acontece tôdas as terças, devido ao ruído dos caminhões que descarregam os caixotes e dos feirantes que descarregam palavrões debaixo de sua janela.

Contou-nos então o poeta (cujo novo livro, "Fazendeiro do Ar", em um volume que reúne tôda sua obra anterior, José Olympio acaba de lançar, juntamente com as "Poesias" completas até agora de Manuel Bandeira, o que quer dizer que o leitor pode ter, em apenas dois volumes, a obra total dos dois maiores poetas do Brasil de hoje), contou-nos que, da feira não se queixava, e quanto à falta d'água devia reconhecer que o sr. Café Filho, morador na segunda esquina à direita, é uma vítima (evidentemente voluntária) que de algum modo o consolava, mas que estava solidário com os homens e mulheres de sua rua que haviam lançado uma campanha de cartazes, telefonemas e outros protestos contra a seca. Os cartazes, nós lemos, uns plangentes — "Água, pelo amor de Deus", outros reivindicativos — "Exigimos água!", outros até galatos, quando não fúnebres. Ficamos sabendo, além disso, que o manobreiro esteve quase levando uma surra, pois o culpam de malícia no desviar a água para casas de outras ruas cujos moradores excelem nas gorjetas. Como todo mundo na rua montou um injector, o poeta acabou montando também um injector; mas exatamente porque todo mundo tem injector o injector não injecta nada, mesmo porque não há nada a injectar; fez construir também uma caixa maior, para agazalhar o líquido no caso de êle aparecer; e, em resumo, ao longo dos anos e das secas, o poeta, homem de posses muito moderadas, já ganhou cerca de 40 mil cruzeiros além das taxas municipais, que deveriam bastar para ter uma água, que não tem.

Além disso, perde noites de sono, à espreita do momento de ligar o injector ou a bomba, e essa insônia forçada e prosaica fatiga o homem e deprime o poeta.

Ora, sr. Alim Pedro, se é sua intenção castigar o presidente Café Filho pelo fato de havê-lo nomeado prefeito desta bagunça e por isso não lhe dá água, está bem; mas êsse castigo envolve muitas outras pessoas inocentes da rua Joaquim Nabuco, inclusive um grande poeta que esta cidade deveria respeitar e honrar, e não perturbar, empobrecer, irritar e deprimir, como está fazendo.

Compre o livro de Carlos Drummond de Andrade, sr. Alim Pedro, leia-o, e, se tem alguma sensibilidade, o senhor se envergonhará de não fornecer sequer água a quem lhe oferece o ouro das nuvens, o licor dos sonhos e o diamante da mais pura poesia.

29/12/54

R. B

gastare

(era dinheiro)

207